

OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRAZIL

DIRECTOR E PROPRIETARIO : SALOMÃO SÁRAGGA
7, rue du Centre, Paris.

GERENTE EM PORTUGAL : DAVID CORAZZI
42, rue da Atalaya, Lisboa.

PREÇOS DA ASSIGNATURA

PORUGAL E COLONIAS (Moeda forte.)

Semestre ou 6 numeros.	1.500 réis.
Trimestre ou 3 numeros.	800 réis.
Por mez ou numero avulso.	300 réis.

BRAZIL E AMÉRICA DO SUL (Moeda fraca.)

Semestre ou 6 numeros.	5,000 réis.
Trimestre ou 3 numeros.	3,000 réis.
Por mez ou numero avulso.	1,000 réis.

FRANÇA E ESTADOS DA UNIÃO GERAL DOS CORREIOS

Semestre ou 6 numeros.	8 francos.
Trimestre ou 3 numeros.	4 fr. 50.
Por mez ou numero avulso.	1 fr. 50.

VOL. Iº.

PARIS, 30 DE NOVEMBRO DE 1877.

NUMERO 4.



LORD LYTTON

GOVERNADOR GERAL E VICE-REI DA INDIA

SUMMARIO

TEXTO

Correio de Paris	Guilhermino de Sá.
Lord Lytton	
Alfonso V em França	Pinheiro Chagas.
A Bolsa de Bruxelas	
Uma boa pinga	
O terrador	Andersen.
A vadia	
A Guerra do Oriente	
Barcos sobre o gelo	
O Orangotango	Gomes Leal.
Revista bibliographica	João Tedeschi.
Variedades	

GRAVURAS

Lord Lytton. — A bolsa de Bruxelas. — Uma boa pinga. — O terrador. — Guerra do Oriente. — Barcos sobre o gelo.

CORREIO DE PARIS

A representação do *Hernani* de Victor Hugo foi o maior acontecimento litterario d'este mez. D'aquella velha guarda muitos saltaram á chama. A morte tem desbastado as fileiras. Foi em 1830 a 25 de Fevereiro que se deu a grande batalha em que os romanticos ficaram vitoriosos. Depois que de coisas se teem passado no mundo litterario. Hoje já não ha classicos nem romanticos. Essas distincções fundiram-se, desapareceram. A critica já não tem opiniões antecipadas. A critica séria abrange uma esphera maior, e constitue uma verdadeira sciencia, em tudo semelhante ás outras. Uma obra litteraria é boa porque encerra em si bellezas, e não porque envolve os principios de uma escola que se oppõe a outra. No mundo litterario a originalidade, o bom gosto e o valor artistico da producção são as condições essenciaes para que seja aprovada por uma critica sã. Se o *Hernani* resistiu ao tempo, e é hoje tão bello como era então, é porque as faculdades geniaes do auctor o fundiram nos moldes grandiosos que a sua capacidade artistica lhe inspirou. O tempo fez justiça. Já ninguem vai ao theatro para combater. Vão todos para admirar. Apenas algum escriptor da phalange de 1830, ainda alli vai menos pelo drama, do que para illudir-se com a esperança de ver os antigos camaradas d'aquella lucta athlectica. Que vacuo! que tristeza! A morte derrubou-os quasi todos. Amigos, inimigos e espectadores da lucta quasi que desapareceram. Dos maiores não resta nenhum. Balzac, o analysta do infinitamente pequeno da alma humana, morto. Gautier que levou consigo o segredo de render as phrases, o Benvenuto Cellini da palavra, morto. Méry, cuja originalidade e finura de espirito eram realçadas por uma brilliantissima educação classica, morto. Dumas, o maravilhoso engenho que encantou trez gerações com os seus inimitaveis livros, morto. *J'en passe et des meilleurs*. Só o mestre, o gigante, o maior de todos sobreviveu e assombra os novos com a prolongada primavera do seu génio, já agora sem outono. Apavorado por este rebate de recordações funebres, o velho espetador sente a alma mergulhar-se no abysmo sem fim d'aquella tristeza funebre. De repente sobe o panno. Então aquella dor transforma-se n'uma doce illusão. Julga-se transportado a outra época. É que aquelles versos são

os mesmos, são os do seu tempo; a scena é a mesma; não é uma illusão; os amigos estão alli todos n'aquelle salla. Já não é uma illusão, é a viva realidade. Aquelles versos recordam-lhe tudo, mocidade, ambições glorias, tudo. São como um echo longíquo da patria do ideal.

~~~~~ Não conheço exemplo de caridade mais extensa e proveitosa do que o que apresenta um homem chamado Ruelle, proprietario abastado n'um dos bairros mais populosos de Paris. Este homem, cujos principios fôram assignalados por mil difficultades, lembrou-se de valer largamente áquelles para quem a vida é cheia de escabrosidades. Para isso mandou construir n'um terreno seu, um edificio destinado a fornecer, por um preço limitadissimo, alimento aos operarios pobres. Esta nova instituição tem sido unanimemente applaudida. O fim d'este homem é valer, sem envergonhar, áquelles que recorrem ao seu estabelecimento. Assim, o operario encontra alli por uma bagatella, uma comida composta de carne, sopa, vinho, pão e legumes. No fim de trez semanas já o novo estabelecimento era frequentado por mais de trez mil operarios. Falla-se em estabelecer n'outros bairros outras casas á imitação d'esta. O Sr. Ruelle não podia ter recompensa maior do que esta. Ver a instituição que creou produzir os beneficios que esperava, e servir de modelo a outras. Bem haja pela sua idéa.

~~~~~ Dizem os politicos que a França está em crise. Ha quasi um século que dizem a mesma coisa. Se os acreditarmos sae-se d'uma, entra-se n'outra. A conclusão historica é facil de tirar. É preciso arranjar uma nova, para que esta acabe. Depois outra, e assim por diante até á consummação dos séculos.

Quando esta opinião ainda não era corrente, em 1851, quando ainda havia esperanças de formular um regimen que governasse os franceses, uma noite em casa de Emilio de Girardin, discutia-se a crise d'aquelle época. O caso, pelos modos, era muito grave. Estavam presentes Victor Hugo, Théophile Gautier e muitos outros. Cada qual dava a sua opinião. Madame de Girardin, a elegante escriptora, fazia as honras da casa. O marido estava trabalhando, n'um quarto que ficava exactamente por cima da salla da discussão. O desanimo era geral e houve um momento em que todos se callaram. Então Madame de Girardin rompeu o silencio, apontando para o céu e exclamando cheia de fé: «Só elle nos pode salvar». Effectivamente o caso era grave, só Deus podia vir em socorro dos homens. Todos concordaram e esperaram. Era o unico meio de resolver a questão. De repente diz Madame Girardin: — Vou chamar-o. — Quem, minha senhora? perguntou d'alli alguém. — O meu niarido!

Tudo se explicou então. Madame de Girardin quando apontara para o tecto, alludira ao marido, que trabalhava no quarto que ficava por cima. Era tal a convicção com que exclamara, que todos julgavam que se referia ao Ente Supremo. Ela tambem se enganava como depois se viu.

~~~~~ Appareceu ha cinco dias um novo livro de Alphonse Daudet: *o Nabab*. Já está na sexta edição. Dentro em quinze dias Roma, S. Petersburgo, Vienna e Nova-York terão devorado

outras tantas edições. Para os livros d'este auctor não são necessarios reclames, annuncios, nem artigos nos jornaes. Apenas apparece algum, logo o mundo inteiro se precipita sobre elle. Daudet é um finissimo observador e poeta, obreiro incansavel e escriptor conscientioso. Da moderna geração é um dos mais notaveis. Sem *parti pris*, sem pertencer a nenhuma escola, observa, conta e descreve com finura e profundidade. É exacto e primoroso. Os seus livros, que parecem feitos sem esforço, são o fructo de longos trabalhos e profundas investigações. Tem trinta e cinco annos e já se pôde afirmar que tem adquirido a gloria de ter produzido mais de uma obra sã e de merito.

~~~~~ Toda a gente tem ouvido fallar do *quartier latin*. O *quartier latin* é o bairro dos estudantes, ou antes foi nos seus tempos. Os edificios das escolas ainda lá estão, os estudantes tambem frequentam as aulas como n'outro tempo, com mais assiduidade talvez do que então, mas a physionomia do bairro não é a mesma. Outros tempos, outros costumes. Hoje em vez d'aquellas antigas ruas estreitas, habitadas quasi exclusivamente pelo estudante, vêem-se boulevards e ruas largas como no outro Paris, no que fica do outro lado do rio. Ha quem diga que sempre ha mais estudantes n'este bairro do que n'outro qualquer. Se assim é não se percebe facilmente. O seu trajo não differe do dos outros mortaes. Aquella singular cabelleira, aquellas calças de enormes quadrados só por elle usadas, aquelle chapéu de immensas abas, todo aquelle conjunto extravagante e pittoresco, desapareceu. Os que formaram a ultima camada são hoje magistrados, médicos, escriptores ou sumiram-se na voragem da corrente humana; entraram para o numero dos mortos ou para o dos mediocres, duas coisas que se parecem tanto uma com a outra, a muitos respeitos. Debalde algum estrangeiro que fez os seus estudos aqui, procura na nova geração das escolas, uma physionomia que se pareça com as do seu tempo. Não a encontra. Se, contudo, levado pelas recordações fôr até ás arcadas do theatro do Odéon, ahi verá ainda, não o estudante moderno que lhe faça lembrar os camaradas do seu tempo, mas o proprio, um dos antigos, um estudante da sua época, que já não vai ás aulas, mas que ainda conserva os habitos antigos. O fato é menos extravagante, mas em tudo o mais é o mesmo. Todas as casas em que tem morado, tem sido demolidas. Vae para aquellas arcadas como para um refugio. Alli chora as ruinas do passado. É alli que elle vê passar a antiga companheira d'antes triumphante, hoje triste e avelhantada. Nos livreiros d'aquella mesma arcada vê elle o livro que hoje se vende por uma bagatella, e cuja posse era disputada, no dia em que apareceu á venda pela primeira vez. As vezes, nas tardes de inverno quando chove ou neva, na sua profunda tristeza, exclama: Porque é que todos teem alegrias e esperanças; porque é que todos esperam que o sol lhes allunie as almas, em quanto a minha vive envolvida n'este continuo nevoeiro; porque é que os outros mundos teem um horizonte luminoso, enquanto o meu jaz submerso n'este sudario eterno?

A resposta é facil. Áquelle inverno nunca se sucedeu a primavera porque á sua alma sempre

faltou o abafô da familia. Nem o calor do lar, nem os carinhos dos filhos, nem os sorrisos da esposa vieram jamais alegral-a. Quando lhe chegar a ultima hora, passará como se nunca tivesse existido. Desnorteado, navegou no mar da vida, sem tormentos nem dôres, mas com o coração mergulhado n'uma tristeza infinda. A bussola que lhe faltou foi a do ideal... foi a do amor.

GUILHERMINO DE SÀ.

LORD LYTTON

O Barão Eduardo Roberto Bulwer Lytton nasceu em 1831 e é filho do falecido Lord Lytton, que adquiriu uma grande reputação em Anglaterra como estadista, romancista, dramaturgo e poeta. Ainda não tinha dezoito annos quando foi nomeado addido á embaixada de Washington, na qualidade de secretario particular de seu tio, Sir Bulwer (depois Lord Dalling), que era então alli ministro da Inglaterra. Em Fevereiro de 1852 foi transferido para Florença, e depois em Agosto de 1854 para Paris. Até 1862 foi nomeado para varios postos de confiança ora em Constantinopla, ora em Viena, ora em Athenas e a final em Lisboa, aonde veio pela primeira vez como secretario da Legação. Passou depois como secretario de embaixada a Viena, Madrid, Paris, d'onde foi nomeado ministro d'Inglaterra em Lisboa. Occupava este ultimo posto quando foi nomeado Governador e Vice-rei da India.

Lord Lytton não é menos conhecido no mundo das letras do que seu pae. Tem publicado muitos romances sob varios pseudonyms, todos muito apreciados pelos amadores das bellas-letras.

O homem que ocupa hoje o posto de maior consideração da Inglaterra, como é o de Governador do novo Imperio da India, não terá esquecido, decerto, as boas relações, e a grande estima que tiveram por elle os Portuguezes, durante a sua estada em Portugal, e ainda menos, como ilustrado homem de letras, quanto lhe merece a nação que descobriu o caminho d'essa porção do velho continente em que elle domina como Vice-rei.

D. AFFONSO V EM FRANÇA

Havia quinze annos que reinava em França Luiz XI, que subira ao throno no dia 15 de agosto 1464, quando Affonso V de Portugal, perdida a batalha de Torres contra Fernando e Izabel, quasi aniquiladas as esperanças de conquistar a corôa de Castella, que pretendia como esposo de sua sobrinha D. Joana, filha d'el-rei Henrique IV, se lembrou de ir invocar o auxilio do astuto monarca francez. Nascido no dia 3 de julho de 1423, tinha Luiz XI n'essa época cincoenta e três annos e a sua indole suspeitosa e astuta azedando com a idade, ao passo que o amor da vida, que se manifesta sempre nos velhos com intensidade mais notável, lhe tirava tal ou qual prestigio que o valor militar

lhe dava enquanto moço. As affeições naturaes nenhuma influencia tinham sobre elle; mão filho, mão esposo, mão pai, mão irmão, amigo pessimo, a sua existencia foi toda de egoismo e de traições; mas a sua alta intelligencia de rei resgata em parte aos olhos da historia a velhacaria e os crimes do homem, porque ninguem mais do que elle soube firmar a realeza sobre as ruinas do feudalismo, tendendo sempre para constituir essa magnifica unidade da monarchia franceza, que deu a esse paiz a preponderancia decisiva que desde o século XVI tem exercido na Europa. Um dos primeiros que iniciaram a época diplomatica, se assim nos podemos exprimir, Luiz XI despendia sommas enormes para ter em todas as còrtes informadores que lhe comunicavam os mais secretos designios dos reis estrangeiros, e o traziam sempre ao facto das intrigas e dos projectos dos gabinetes. Amando o dinheiro, mas despendendo-o á larga, não o empregando em magnificencias e em luxo, empregava-o em comprar adhesões e partidarios, julgando, como Philippe de Macedonia, que não havia praça inconquistavel onde podesse entrar um macho carregado de oiro. O seu porte e o seu traço não indicavam um soberano, e n'uma entrevista com o rei Henrique IV de Castella, os nobres hespanhoes, faustosos e opulentos, zombaram muito do miseravel fato do rei de França, cujo chapellinho com imagens de chumbo se tornou celebre pelo muito que o aproveitaram os modernos romancistas e dramaturgos.

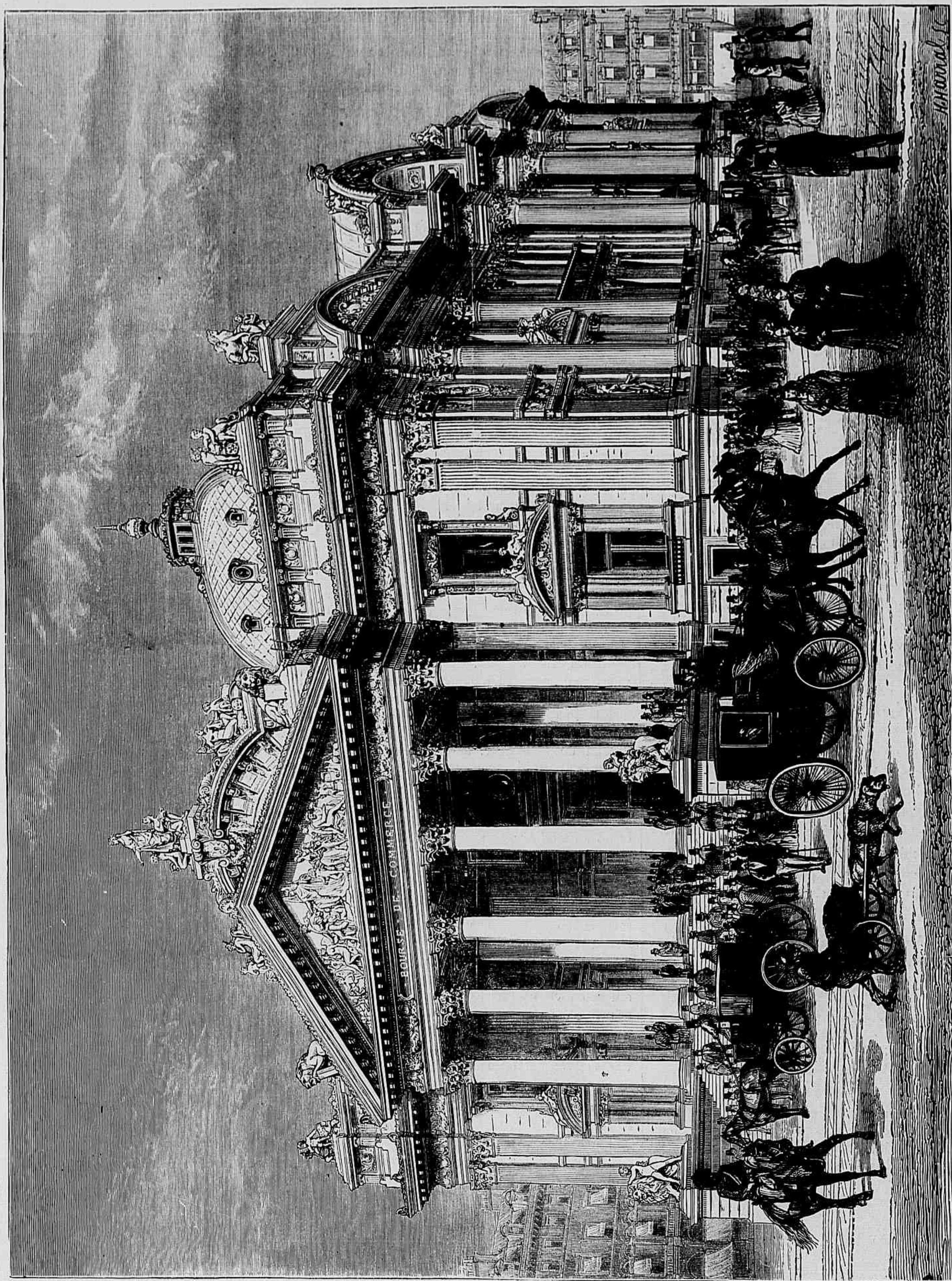
Havia no espirito de Luiz XI as mais estranhas contradicções, mas sempre se revelava um homem notavel e um rei de fallas humildes e mansas. Com uma corteza que parecia tocar ás vezes as raias da baixeza, tinha uma altivez inata que não só fazia com que todos o reconhecessem como rei no meio dos seus cortezãos magnificamente vestidos, mas que até nas entrevistas com os outros monarcas o fazia sobressair. Corajoso porque fez as suas provas, como delphim, na tomada da bastilha de Dieppe, nas campanhas contra os suissos, e como rei, na batalha de Montlhéry, affrontando intrepidamente o punhal dos conspiradores, as iras cégas do seu adversario Duque de Borgonha; no fim da sua vida rodeava-se de guardas, encerrando-se em Plessis-les-Tours, e obedecia como uma criança ás precrições do seu medico que o tratava brutalmente; não recuando nunca diante d'um crime para preencher os seus fins, era ao mesmo tempo incrivelmente supersticioso dando credito aos absurdos da astrologia (o que não admirava porque era crença vulgar no seu tempo) e tendo uma devocão mesquinha pelos santos e pelas imagens de toda a especie de que andava sempre rodeado e cujo nome tinha sempre na boca; pequeno e repugnante como homem, grande como rei, Luiz XI de França, com o seu caracter complexo e incontestavelmente um dos vultos mais notaveis do século xv.

Tal era o homem em quem D. Affonso V se ja imprudentemente confiar. Bem diz Philippe de Commynes que, se os conselheiros d'el-rei de Portugal se tivessem melhor informado das coisas de França, o teriam dissuadido da viagem, e Barante acrescenta que D. Affonso V era « um leal e digno principe que não conhecia nem os homens nem as coisas de França. Se os conhecesse havia de saber que o velho costume de Luiz XI era illudir todos com boas palavras, e trazer embaiados e atraiçoados aquelles a quem mais obrigações devia, que o Duque de Borgonha Philippe o Bom, que o amparara, quando depois da revolta contra seu pae se refugiara nos seus estados, nunca obtivera d'elle senão vãs promessas; que o duque de Saboya, seu

sogro, andara por França transformado n'um verdadeiro escravo do seu genro, porque comettera a loucura de lhe vir pedir socorro contra os revoltosos do seu paiz; saberia emfim que ninguem já se fiava nas palavras de Luiz XI. Affonso V devia ter as maiores desillusões e não havia dois caracteres mais oppostos, elle fazia a guerra pela guerra, Luiz XI só a fazia quando não podia obter d'outro modo o que desejava; elle era o ultimo rei cavalleiro, Luiz XI o primeiro rei diplomata; elle era todo amador da nobreza, Luiz XI comprazia-se em levantar do nada as criaturas mais baixas para lhes dar a preponderancia suprema; Affonso V emfim era magnificente e gastador, liberal até á prodigalidade : Luiz XI mesquinho, avaro e sabia dispensar largamente, mas com proveito e a proposito. Affonso V, em Castella querendo ganhar para o seu partido os nobres adversarios, tão habilmente o fizera que muitos tinham gasto a serviço de Izabel o dinheiro que haviam arrancado a Affonso ; Luiz XI quando á força de dinheiro fizera passar para a corte de França Philippe de Commynes, até então conselheiro dos duques de Borgonha, arranjou as coisas de modo que Philippe de Commynes vio-se na alternativa ou de passar para França ou de ver os seus segredos divulgados, porque Luiz XI já dera ordem que fôssem tomadas umas seis mil libras tornezas que lhe mandara para o atrair a si, não recuando diante do escandalo, contanto que conseguisse os seus fins. »

Affonso V devia por conseguinte sentir-se extremamente desilludido, quando começasse as negociações com o seu alliado.

Commynes engana-se porém quando suppõe que os conselheiros do rei de Portugal o não dissuadiram do seu projecto... quasi todos o desaprovaram, mas Affonso V, que era teimoso, persistio. Como Alvaro de Athayde, seu embaixador em França, lhe trouxe muito boas palavras de Luiz XI, Affonso V sentio-se animado a emprehender o que tencionava, e, depois de enviar Pero de Souza ao monarca francez para o prevenir da sua visita, saio de Lisboa n'uma magnifica frota de dezeseis naus e cinco caravelas, levando a bordo dois mil e duzentos soldados e quatrocentos e oitenta fidalgos para o seu serviço. Primeiro tencionara D. Affonso ir pelo oceano, mas, como receiava que a poderosa frota, que D. Fernando tinha na baia de Biscaya, lhe fizesse alguma affronta, decedio-se a ir pelo Mediterraneo para desembarcar em Marselha. Partio de Lisboa em agosto de 1476, e arribou a Lagos aonde lhe veio prestar homenagem uma esquadra franceza, commandada por Mr. De Coulon, a quem Affonso V recebeu magnificamente, agradecendo-lhe muito o auxilio que prestara algum tempo antes á sua praça de Ceuta, assaltada a um tempo pelos castelhanos e pelos moiros, e defendida intrepidamente pelo capitão Ruy Mendes Ribeiro. De Lagos passou Affonso V a Ceuta, e depois fez-se de vela para as costas de França, mas não desembarcou em Marselha por causa do tempo contrario, e foi arribar a Collioure onde deputados do rei de França o receberam e lhe apresentaram tudo o necessario para seguir viagem por terra. Déra Luiz XI ordem para que em toda a parte fôsse recebido com as honras devidas aos proprios reis de França, de modo que os governadores entregavam-lhe as chaves das cidades, e soltavam os presos das cadeias. Assim chegou a Perpignan, d'onde enviou ao rei de França um emissario, que foi D. Francisco de Almeida, que pela primeira vez apparece na nossa historia, e que tinha de abrir gloriosamente a serie dos vice-reis da India. De Perpignan passou a Narbonne, de Narbonne a Montpellier, depois a Béziers e a Nîmes. Ali deixou a Via Ro-



A BOLSA DE BRUXELAS



« UMA BOA PINGA »

QUADRO DE EDUARDO GRUTZNER

mana, e tomou por Pont-Saint-Esprit e caminho de Lyon. N'esta cidade veio visitá-lo o Duque de Bourbon, príncipe de sangue, e em Roanne recebeu um recado de Luiz XI, congratulando-se com elle pela sua vinda, e dizendo-lhe que o esperaria em Tours. Em Bourges, n'uma abadia de Benedictinos, que visitou, mostraram-lhe um rico manuscrito com admiráveis iluminuras encerrando a história de Lançarote do Lago. Em todos os conventos que visitava D. Afonso V, informava-se das riquezas bibliográficas que elles continham, mostrando o gosto esclarecido que tanto o distingua e ilustrava.

Chegou finalmente Afonso V a Tours; Luiz XI não estava lá, mas deixára para o receberem com todas as honras possíveis, os principais fidalgos da sua corte, e entre elles Philippe de Commynes, já então *sire* D'Argenton, o celebre historiador que trata nas suas *Memorias*, com bastante desdem, do alto da sua importância diplomática, *ce pobre roy de Portugal*, como elle diz. Luiz XI fôra a uma romaria, pretexto, escreve Barante, que lhe servia sempre em todas as suas viagens. Mas d'ahi a pouco tempo voltou a Plessis-les-Tours, e veio, como de passagem, visitar a D. Afonso V.

A entrevista entre os dois reis é uma das coisas mais curiosas que a história apresenta. Parece que D. Afonso V não estava muito costumeiro à etiqueta, que a corte de Borgonha principalmente puzera em voga, porque, se acreditarmos Schœffer, mostrou-se um pouco offendido, vendo que dois fidalgos franceses, que o acompanhavam, não lhe permitiram de modo algum que saisse ao encontro de Luiz XI, chegando a illudil-o, dizendo-lhe que ainda el-rei vinha longe quando já estava na rua, e opondo-se de todos os modos a que dêsse um passo só que fosse ao encontro do rei de França. Schœffer diz que bem viu Afonso V que estava prisioneiro. Ruy de Pina não diz semelhante coisa, e em todo o caso errava muito Afonso V, porque essa obstinação em não o deixarem fazer o que elle queria era uma das leis da etiqueta francesa, e mostrava que el-rei de França lhe queria conceder as maximas honras, já que estava disposto a não lhe conceder mais nada.

Mas emsí Afonso V resignou-se e Luiz XI apareceu à porta do aposento. Estão os dois reis em presença, oícamos agora Ruy de Pina, e, tendo na memoria as magníficas descrições do carácter de Luiz XI, que encontramos em Philippe de Commynes, e entre os modernos em Barante e Michelet, e no romance em Walter Scott e Victor Hugo, veremos que ao nosso cronista não faltam as cōrēs também para traçar com pittoresca fidelidade o vulto do rei de França.

« El rei de França vinha com um só barrete na cabeça, tendo já d'ella tirado um barrete e duas grandes carapuças, e trazia solto um saio curto de mão pano, á cinta uma espada d'armas muito comprida, com a guarnição de ferro limado, e umas botas calçadas e nos pés as esporas do mesmo jaez da espada, e ao pescoço uma beca de chamarote amarelo, forrado de cordeiras brancas muito grosseiras, e umas calças brancas entre-talhadas de muitas cōrēs. E ambos os reis, com os barretes nas mãos, se abraçaram inclinando os joelhos muito baixo. E, tendo el-rei de França assim abraçado el-rei, com os olhos no céu, disse que dava muitas graças a nossa senhora e a monseor Sam Martin, porque a um pobre homem como elle era fizeram tanta mercê, que a seu reino e casa o viesse ver e visitar um tamango rei, que elle sempre desejara tanto de ver e ter por irmão e amigo, e que porém elle não crêesse que era vindo em reino estranho, mas no proprio seu;

porque assim se faria n'elle todo seu prazer e serviço como no de Portugal. E com isto acabado se recolhêram á camara, á entrada da qual sobre quem se cobriria e entraria primeiro houve entre ambos grandes e louvados debates. E emsí el-rei D. Afonso se leu por vencido, dizendo que havia por melhor ser-lhe bem mandado que cortez. »

Olhem como nos salta da tela aquelle Luiz XI tão nosso conhecido, como nos avultam as suas feições astuciosas e velhacas. É o mesmo de quem o Duque de Borgonha dizia : *Je crois qu'on n'a jamais tant promené personne avec de belles paroles. On me promet monts et merveilles et nul effet ne s'ensuit.* O mesmo Luiz, cuja palavra, segundo a phrase de Molinet « estoit tant douce et vertueuse qu'elle endormoit comme la seraine tous ceux qui lui présentoient oreilles.

Mas Afonso V, que não tinha do carácter de Luiz XI a experiência que seu tio Philippe o Bom á propria custa adquirira, deixou-se embair por suas doces palavras, e folgou immenso com o auxilio que Luiz promettera. Effectivamente Luiz mostrou-se muito disposto a dar-lhe auxilio, mas advertindo-o que primeiro conviria que fosse Afonso V pedir ao Duque de Borgonha, que estava então em guerra com o Duque de Lorena, e que cercava Nancy, que o ajudasse contra Castella, ou ao menos que segurasse o rei de França que o não atacaria enquanto elle estivesse guerreando a favor d'el-rei de Portugal. Disse-lhe mais que tratasse de obter a dispensa do papa, que legalisasse o seu casamento com sua sobrinha D. Joanna, prometendo-lhe, logo que isto se obtivesse, ajudá-lo com soldados, e principalmente com dinheiros, porque elle estava certo de que os alcaides castelhanos seriam vencidos mais pelo oiro do que pelo ferro.

D. Afonso V ficou radiante com estas promessas, e a condição, que lhe era necessário preencher para elles se realizarem, afigurava-se-lhe facillima. El-rei Luiz de França, enquanto lhe não dava as grandes sommas promettidas, pediu-lhe que ao menos aceitasse cincoenta mil escudos de oiro « para convidar alguma gentil dama, como era usança e cortezia do seu reino. » D. Afonso, homem essencialmente honesto, regeitou polidamente a offerta. Era mais um symptom da incompatibilidade d'aqueles dois caracteres; costumado á severidade de costumes usada então na corte de Portugal, e que era como que um distante reflexo da virtude innoculada por Philippe de Lencastre em seus filhos e nas pessoas que o rodeavam, não podia sympathizar com um homem como Luiz XI que folgava principalmente com obscenidades. Affastaram-se pois os dois soberanos descontentes um do outro, posto que satisfeitos, Afonso V por julgar os seus negócios bem encaminhados, Luiz XI por ter mais uma vez logrado alguém.

II

Carlos o Temerario, duque de Borgonha, filho de Philippe o Bom e de Izabel de Portugal, irmão d'el-Rei D. Duarte, era por conseguinte primo co-irmão d'el-Rei D. Afonso V. Tão violento e brutal como Luiz XI era manhoso e manso, o duque, possuidor de um dos estados mais poderosos da Europa, foi sempre inimigo do Rei de França; teve-o nas suas mãos em Péronne, mas não soube usar d'esse feliz acontecimento, e julgou triunfar arrancando ao seu prisioneiro um tratado vantajoso, que Luiz XI jurou de si para si não cumprir. E comtudo Luiz XI raras vezes se collocou em hostilidade aberta contra Carlos o Temerario, mas não encontrava este na sua frente um só inimigo, que não fosse movido pela mão occulta de Luiz XI.

Foi elle que animou os Suíssos, e que lucrhou, sem arriscar um soldado, com as duas victorias de Granon e Murat ganhas pelos montanezes da Helvécia contra a brillante cavallaria feudal de Borgonha, foi elle que incitou René, Duque de Lorena, a recuperar os seus Estados de que o Duque de Borgonha o despojara, e, quando D. Afonso V intentara ingenuamente reconciliar os dois adversarios implacaveis, estava Carlos o Temerario sitiando a cidade de Nancy, capital da Lorena, que se declarara pelo seu legitimo senhor. Luiz XI rio-se *dans sa barbe* da tentativa que o pobre D. Afonso V ia emprehender, e esperava talvez que illudisse tambem algum tanto Carlos de Borgonha, ao passo que as suas tropas caminhavam secretamente com as do Duque de Lorena, e que elle esperava, como o corvo sinistro, os primeiros rumores de uma derrota, para caer sobre a preza do campo de batalha e cevar-se n'ella. Carlos de Borgonha tinha só uma filha, e Luiz esperava, com boas razões, apanhar-lhe a herança. Partiu Afonso V contentissimo para o acampamento de seu primo. Era no coração do inverno; cobria a neve os caminhos, e elle cavalgava, acompanhado por alguns nobres, caminho de Lorena, passando por Paris. A recepção que em todas as cidades lhe faziam era pomposa; do seu recebimento solemne na capital de França deixou-nos curiosas narrativas um dos chronistas franceses contemporaneos.

Entrou pela porta de S. Thiago no dia 23 de novembro de 1476, das duas para as trez horas da tarde. Vieram ao seu encontro até ao moinho de vento o preboste de Paris, Roberto d'Estouteville, o chanceler Dorisle, todos os magistrados com as suas vestes de damasco branco e vermelho orladas de ricas pelles, prelados, conselheiros do Parlamento, intendentes, officiaes do Rei e da justiça, burgueses. Da porta de S. Thiago para dentro da cidade, levaram-no debaixo de um rico pallio bordado com as armas de Castella. Em Santo Estevão dos Gregos encontrou a corporação da universidade de Paris que lhe deu as boas vindas; foi a Nôtre-Dame, onde o esperava o prelado, fazer a sua oração, e seguindo pela ponte de Nôtre Dame, á entrada do mercado Palu achou homens com cincoenta archotes accesos, que lhe rodeiaram o pallio. Defronte da casa de um alfayate chamado Motin, estava um tablado com diferentes personagens esperando a sua vinda. Finalmente D. Afonso V foi pousar nas casas de um burguez de Paris, chamado Lourenço Herbelot, e ahi recebeu magnificos presentes. Enquanto esteve em Paris, foi assistir aos debates de uma demanda no Parlamento, e a um doutoramento em theologia no palacio episcopal. Em toda a parte aonde ia o recebiam com grande pompa, sendo acompanhado sempre pelo *sire* de Gamoust, logar-tenente do Rei em Paris. No domingo 1 de dezembro, toda a corporação da universidade desfilou por diante da sua casa, e foi á igreja de Saint-Germain-l'Auxerrois cantar uma missa de gala. Finalmente o *sire* de Gamoust deu-lhe uma ceia magnifica. Assim recebido pomposamente por toda a parte onde passava, D. Afonso V dirigio-se para o acampamento de seu primo, cheio de esperanças no resultado da embaixada. Carlos o Temerario, posto que azedado pelos seus ultimos desastres, tendo-se-lhe transformado em verdadeira loucura a habitual impetuositade, recebeu-o maravilhosamente; Carlos ufanava-se da sua origem portugueza, e bastantes vezes se gabava d'ella, quando, para insultar Luiz XI, regeitava irritado a sua nacionalidade francesa, e os laços de parentesco que uniam a casa de Borgonha á casa de Valois.

Afonso V chegou ao acampamento a 29 de dezembro de 1476. Estava por dias o desenlace

fatal d'esse inquieto drama da existencia do filho de Philippe o Bom. Os fidalgos estavam descontentes, os soldados exhaustos, e a traição envolvia-o nas suas redes, porque um napolitano, o Conde de Campo-Basso, em quem depositava plena confiança já tinha intelligencia com o inimigo. Apezar das numerosas preocupações que o salteavam, Carlos recebeu affavelmente o Rei de Portugal. Abraçaram-se sobre o rio Meurthe congelado. A respeito do que se passou na entrevista contam o caso de um modo diverso os historiadores portuguezes e os franceses. Aquelles, cuja opinião Schœffer adopta, referem que o duque, apezar de se queixar da deslealdade de Luiz XI, prometeu tudo quanto Affonso V lhe pediu, de forma que o rei de Portugal partiu para Paris muito satisfeito. Estes, e entre elles Commines, dizem que o Duque nem quiz ouvir fallar em compromissos com o Rei de França e propôz a seu real primo que o ajudasse n'essa guerra em que estava, e que fosse defender Pont-à-Mousson contra o duque de Lorena. Affonso V, muito surprehendido, desculpou-se e partiu. Adoptâmos esta versão, que nos parece mais conforme com o caracter de Carlos e com as disposições do seu espirito n'essas circunstancias.

O certo é que Affonso partiu desanimado, e entretanto os acontecimentos sucederam-se com rapidez terrivel, e no dia 5 de janeiro de 1477, Carlos o Temerario foi derrotado e ficou morto no campo de batalha. D. Affonso V logo sentiu que essa morte era para elle um deplorável acontecimento, e mostrou por isso tristeza, inspirando suspeitas aos Franceses, que principiaram a olhal-o com desconfiança, elles que estavam cheios de regozijo por um successo para elles tão fausto.

Comtudo essa morte exercera uma influencia benefica nos negocios de Affonso V. O Papa, vendo Luiz XI desaffrontado do seu mais terrivel inimigo, quiz ser-lhe agradavel, e concedeu a Affonso V a dispensa necessaria para casar com sua sobrinha. Mas Luiz XI importava-se bem com isso, avido e febril tratava por todos os meios de se apoderar da herança do duque de Borgonha, e fôra pessoalmente para Arras a fim de estar mais proximo do campo onde trabalhava a diplomacia.

A Arras mandou el-Rei D. Affonso o Conde de Penamacor pedir a Luiz XI uma entrevista que lhe foi logo outhorgada com toda a deferencia e honras; mas nem por isso os effeitos seguiram as promessas. Importava-lhe bem a Luiz XI, n'essa occasião, Castella, Portugal e as suas guerras; a Borgonha absorvia-o todo. Desanimado, abatido, envergonhado de ter servido de joguete á politica de Luiz XI, Affonso V caio n'uma profunda tristeza; não ousava apparer outra vez em Portugal, d'onde nunca deveria ter saído, e n'estas incertezas e n'estas tribulações lhe correu uma grande parte do anno de 1477. Passando da extrema confiança á extrema suspeita, não havia crime de que não julgasse Luiz XI capaz. Imaginando até que o quereria prender e entregar a D. Fernando, tomou de subito a resolução de partir, e com os seus criados foi para Rouen, e de Rouen passou a Honfleur, pequeno porto da Normandia. N'esse arido sitio, batido pelas vagas, em presença do nebuloso Oceano, passou Affonso V longos e amargos dias, lembrando-se talvez com infindas saudades da sua formosa Lisboa e da sua ridente Cintra onde nascera e aonde havia de ir morrer. Dava largos passeios a cavallo, depois encerrava-se no seu quarto e escrevia, mettendo depois os papeis n'un cofre que fechava com toda a cautella. Um dia saio como de costume, a cavallo, era a 24 de setembro de 1477; levava consigo dois moços da camara,

dois moços de esporas, e o capellão a quem mandara que o fosse esperar á estrada. Quando já estava longe de Honfleur, deu a um moço de esporas a chave do cofre onde encerrava os papeis que escrevera, e ordenou-lhe que voltasse e entregasse aos fidalgos a chave, e lhes dissesse que dessem aos papeis o destino que elles tinham. Já estavam todos inquietos com a desusada demora de D. Affonso V, quando o moço de esporas chegou. A leitura dos papeis mudou em assombro e em terror o espanto dos Portuguezes: Affonso V escrevia uma carta a Luiz XI de França, queixando-se com leves remoques da sua má fé, e dizendo-lhe que, desanimado e desilludido das vaidades do mundo, abdicava a coroa em seu filho, e partia como peregrino para Jerusalem em cumprimento de um antigo voto que fizera. Outra carta era para seu filho, o Príncipe D. João, em que lhe comunicava o que resolvêra, e lhe ordenava que tomasse a coroa e se fizesse aclamar Rei. Terceira carta, muito afectuosa, dirigia-se aos fidalgos que ficavam em França, desculpando-se de assim os desamparar, e ordenando-lhes que obedecessem ao conde de Faro.

Se a afflictão dos Portuguezes foi grande, não foi menor a de Mr. de Lebret, fidalgo frances que Luiz XI collocara junto de Affonso V, e que estava responsavel pela pessoa do nosso monarca. Lançou em rosto aos Portuguezes a sua negligencia e com a cabeça perdida, mandou emissarios em todas as direcções com ordem de impedirem D. Affonso V de partir, tratando-o com o maior respeito. Quem o descobriu n'uma pequena povoação da costa foi um fidalgo normando chamado Robinette-Bœuf. O Rei, para ser menos conhecido dormia e comia juntamente com os seus criados, mas o Normando ainda assim deu uma noite com elle, pedindo-lhe as maiores desculpas pelo ter despertado. Affonso V estava na cama, o Normando saiu, e muito em segredo juntou o povo da aldeia e agrupou-o em torno da casa, onde D. Affonso V estava, de modo que lhe impediram a saída. Logo expedio mensageiros ao conde de Penamacor, ao conde de Faro, a M. de Lebret, e a Luiz XI, participando-lhes o feliz encontro. Os fieis Portuguezes correram logo á pobre aldeia, onde seu amo estava, beijando-lhe as mãos e regando-lh'as de lagrimas; M. de Lebret não cessava de lhe supplicar que não insistisse no seu projecto de fuga. Ao mesmo tempo Luiz XI que recebêra a carta do Rei de Portugal, um tanto envergonhado de ter dado causa áquella triste resolução, e principalmente afflito ao lembrar-se do que diria o mundo, quando visse que pela sua má fé lançara no desespero um Príncipe nobre e leal, Luiz XI escrevia uma carta a Affonso V, cheia de consolações e de promessas, em que procurava emfim sanar as feridas que elle mesmo rasgara.

Affonso V deixou-se persuadir por tantas supplicas, mas o que não quiz foi demorar-se mais tempo em França. Vergonhoso ainda do mal exito da sua tentativa de fuga, não regressou a Paris, e desejou partir logo para Portugal, saindo, não de Honfleur, mas de um dos mais pequenos portos de mar da Normandia, La Hogue, a bordo de um navio pequeno que mandara fretar. Luiz XI, satisfeito por se ver livre de tão incommodo hospede, ao menos quiz dar toda a pompa á sua saida, e fazer-lhe as maiores honras para disfarçar aos olhos do mundo a perfidia de que se tornara culpado para com elle. Uma esquadra francesa commandada por Jorge Paleólogo de Bicipat, cognominado o Grego, porque o era de nação, e só n'esse mesmo anno se naturalisou frances, foi logo equipada para acompanhar o navio do rei de

Portugal, e, partindo enfim das costas da Normandia em outubro de 1477, veio arribar a Cascaes no meio de novembro do mesmo anno.

Assim findou a louca peregrinação de Affonso V, que, de indole um tanto infantil, porém nobre e leal, não podia comprehendêr os caracteres habeis mas refalsados como o de Luiz XI. O astuto monarca logrou-o completamente, e, no meio d'aquele drama terrível que então se representava em França e que tinha por actores principaes o Rei Luiz XI e o Duque de Borgonha, Affonso V passou como um comparsa indiferente senão importuno. *Ce povre roy de Portugal!* dizia desdenhosamente Commines; mas ainda assim, fóra da esphera diplomatica onde Luiz XI imperava, o caracter bom de Affonso V foi devidamente apreciado, e o príncipe estrangeiro inspirou sympathias na França, sympathias que transluzem nas chronicas de um modo bastante claro para que Bárante, que as segue, chame a D. Affonso V *prince noble et loyal*. Depois, em toda a parte por onde passava, procurava as raras bibliographicas, acolhia os sabios, mostrava-se eruditô, eloquente (era este um dos seus predicas) de forma que o regio habitante do longíquo occidente não se apresentou como um barbaro, mas como um dos mais civilizados homens do mundo n'essa babelica Paris, onde já começava a sentir-se que os destinos a fadavam para ser o centro da civilisação europea.

PINHEIRO CHAGAS.

A BOLSA DE BRUXELLAS.

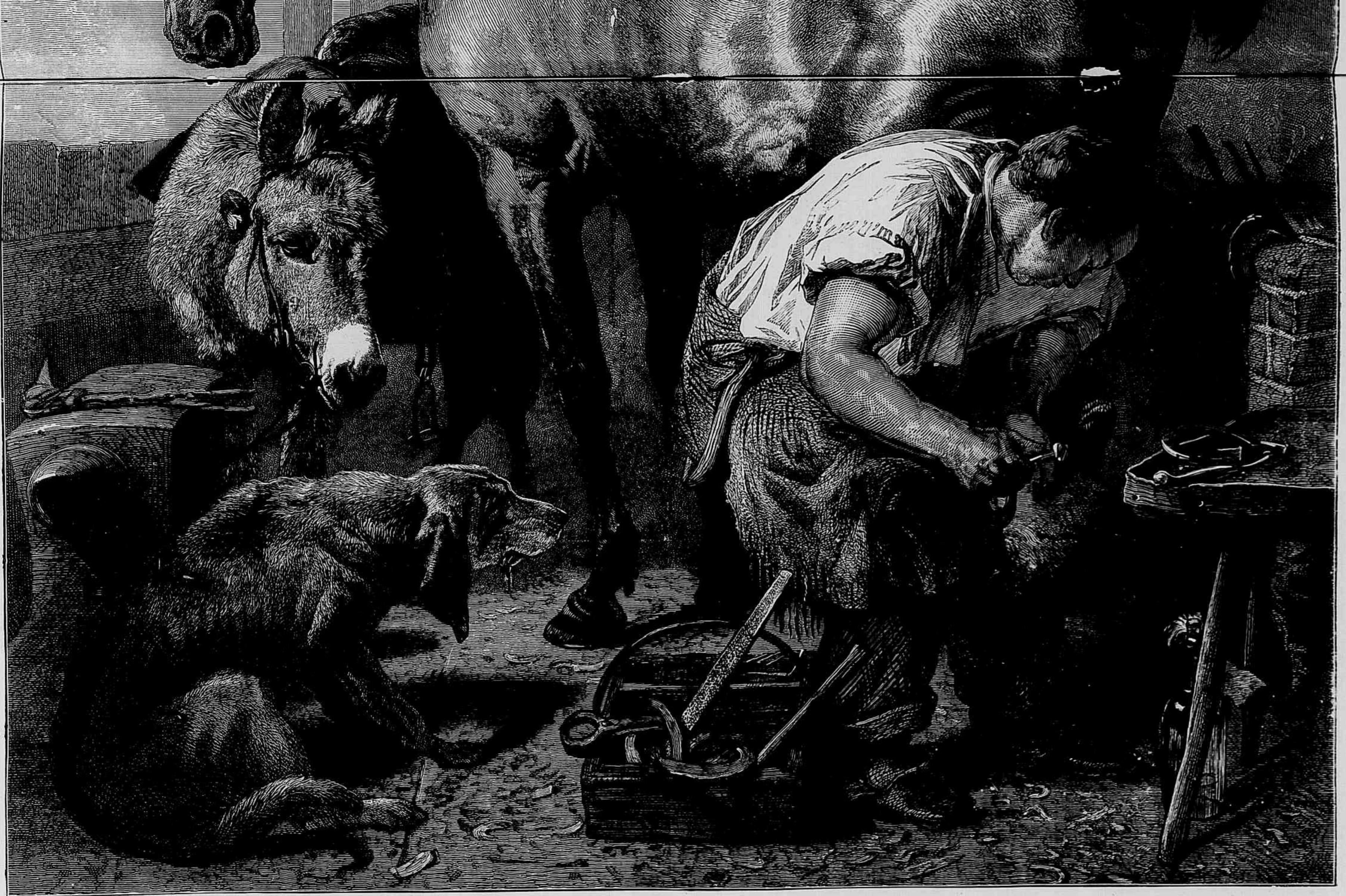
No principio do anno de 1874, foi aberto á circulação, em Bruxellas, o novo *boulevard* denominado *Central*. O principal edifício d'este *boulevard* é o da nova Bolsa representado na nossa gravura. É de forma rectangular, tendo 100 metros de comprimento por 50 de largo. O estylo é mixto. O architecto soube alliar os typos de varias epochas; o ferro harmonisa-se com a pedra formando uma esplendida salla, das maiores da Europa. A escultura ornamental é riquissima. O frontispicio representa a cidade de Bruxellas, rodeada de grupos de figuras allegoricas: a Industria, a Agricultura, a Paz, a Navegação, a Pintura, o Commercio, etc. A salla principal, que tem a forma d'uma cruz latina, é magnifica. A cupola é sustentada por doze columnas Corinthias, de estuque cinzento-encarnado, enquanto que as gallerias assentam sobre columnas imitando porphyrio vermelho-escuro. O chão é uma obra prima de mosaico, executado por Italianos.

UMA BOA PINGA.

Que delicia! Não o podiam encarregar d'uma comissão melhor, nem de mais facil execução. O que lhes não veio á idéa, quando o mandaram para alli sózinho, é que a carne é fragil, e nem sempre resiste á tentação. Coitado! como não havia de succumbir. Tudo é vinho á roda d'elle: nos cascos que tem na frente, no cantaro que tem aos pés, no cesto que leva na mão esquerda, no frasco da mão direita; ainda mais, até no capuz, e por ultimo no amental traz garrafais.

A intenção é boa. Escolheu o melhor, o do frasco, para castigar mais severamente a carne. Já agora vá até ao fim. Esgote-se o calix até às fezes. Não sei se n'este convento as regras são rigorosas. Se são, lá está aquelle finorio a espreital-o, e o resultado ha de ser castigarem-lhe a carne, mas por outra forma, menos agradável.





O FERRADOR

QUADRO PINTADO EM 1844 POR EDWIN LANDSEER

O FERRADOR

De todos os quadros de Landseer é este um dos mais conhecidos e populares. O pintor descreve admiravelmente o momento em que o cavalo lança aquelle olhar inteligente e reprehensivo em que parece dizer : « Para que torturas assim os cascos que a natureza fez para crescer livremente? Para que o queimas tão barbaramente, e lhe cravas esses ferros? »

Durante a vida do artista não houve quem o excedesse na pintura de animaes. Muitos dos seus quadros são verdadeiros primóres do gênero. Tinha apenas treze annos de idade, em 1815, quando expôz o primeiro na Academia Real de Londres. Desde essa data até 1870, só em cinco exposições deixou de aparecer com alguma produção nova. Assim, durante mais de meio século, foram os seus quadros o maior attractivo das exposições da Academia. Hoje um grande numero d'elles está na mão da Duqueza de Abercorn, podendo-se afirmar que em Manchester e arredores existe a maior parte das suas produções.

Edwin Landseer nasceu em Londres a 7 de março de 1802, e morreu na mesma cidade no 1º de outubro de 1873.

UMA VADIA

O burgomestre estava em pé encostado á janella aberta. Trazia uma camisa de punhos, com um broche que brilhava nas pregas do peitilho. Acabara de barbear-se, e apesar do cuidado com que se tinha escanhoado, havia dado um pequeno corte sobre o qual tinha pregado um pedaço de jornal.

— Hé! rapaz, ouve cá!... gritou de repente.

Esta interpellação era dirigida ao filho da pobre lavadeira que passava defronte da janella e cumprimentava respeitosamente tirando o boné; a palla estava rasgada pelo meio, de modo que, quando lhe parecia, enrollava-o e mettia-o na algibeira. Com o seu satinho pobre, limpinho e remendado com todo o cuidado, com os seus pesados tamancos nos pés, o rapaz estacou, sem dizer nada, penetrado d'um respeito tão profundo como se estivesse diante do proprio rei.

— És um bom rapaz, disse o burgomestre, e bem criado. És filho d'aquelle mulher que lava acolá no rio, e isso que levas ahí na algibeira é para ella, não é assim? É pena que tenhas uma mãe d'aquellas! Que porção levas ahí?

— Meia-dóse, disse a meia voz a criança amedrontada.

— E pela manhã levaste-lhe outro tanto, continuou o burgomestre.

— Não senhor, foi hontem, respondeu o rapaz.

— Duas meias fazem uma dóse inteira. Também ella não faz nada! Que gente tão inutil! Dize a tua mãe que deveria ter ao menos alguma vergonha, e, quanto a ti, oxalá que não venhas a dar em bebado, ainda que talvez não tarde. Estás bom, vae-te embora.

E o rapazito seguiu o seu caminho. Conservou o boné na mão; a viração passava-lhe por entre os cabellos loiros, fazendo fluctuar os aneis á mercê do vento. Desapareceu á esquina da rua e metteu-se por uma travessa que ia dar ao rio, onde a mãe, com os pés na agua, estava a ensaboar com grande custo uma porção de roupa. A corrente, mais forte do que de costume, por terem levantado as comportas do moinho,

ameaçava arrebatar a taboa coberta de lenços em que ella trabalhava. A pobre lavadeira segurava-a com quanta força tinha.

— Se não viesses, não tardava que não fosse pelo rio abaixo. Já não podia mais. A agua está muito fria; já vai para seis horas que aqui estou mettida. Tens alguma coisa que me dês?

O rapaz tirou a garrafa da algibeira, e a mãe, pondo-a á boca, engulio um trago do que havia dentro.

— Como isto faz bem! aquece! É quasi tão bom como um jantar quente, e custa mais barato! Bebe, meu filho! estás pallido, e has de ter frio, com esse fato tão fino. Já estamos no outomno. Príuui!... a agua está que parece gelo! Deus queira que não caia doente! Ah não, isso não podia ser! Vou beber mais um gole; e tu tambem, bebe, mas só uma gotinha, não te acostumes a isto, meu querido filho.

Depois atravessou uma ponte de taboas, onde estava o pequeno, e veio para terra. As saias e uma esteira que trazia amarrada á roda da cintura a servir-lhe d'avental, escorriam agua.

— Tenho estado a trabalhar com tanta força, que me arrebentou o sangue na ponta dos dedos. Faço-o da melhor vontade. Se ao menos pudér educar-te como deve ser, meu rico filho!

Em quanto ella fallava, uma mulher já idosa, decrépita, coxa e cega d'um olho, aproximára-se. Uma trança de cabellos posticos cobria o olho enfermo ou ausente. A trança, segundo a idéa da velha, servia para tapar o olho, quando pelo contrario, não fazia senão atrair a atenção sobre a enfermidade que queria occultar. « A Martha da trança », como lhe chamavam os vizinhos, era intima amiga da lavadeira.

— Pobre mulher! muito trabalhas, e de mais a mais com a agua tão fria como ella está! Não tens remedio senão aquecer-te conforme podes; é por isso que as más linguas fallam tanto, por beberes uns goles d'aguardente!

Em poucos minutos, Martha passou á lavadeira tudo o que o burgomestre tinha dito antes, pois tinha ouvido a conversa que contámos no princípio d'esta narração. Estava zangada e enfurecida por ter ouvido o magistrado fallar d'aquelle maneira a um filho da sua propria mãe, e os termos de que se tinha servido quando tinha fallado da pequena quantidade de alcool que a lavadeira bebia, tinham-na exasperado, tanto mais que n'esse dia, o burgomestre dava um grande jantar em que não haviam de faltar garrafas! Vinhos finos, fortes e velhos! Muitos d'aquelles senhores hão de beber mais do que o que podem... Mas isso não se chama beber... É tudo gente honrada... Tu é que não serves para nada!...

— Ah!!! fallou contigo, filho? disse a lavadeira, com os labios convulsos. A tua mãe é uma preguiçosa, uma vadia!! Talvez tenha razão, embora, não o devia dizer a meu filho. Sempre, em todas as épocas, tem-me sido fatal aquella casa!

— Quando os paes do burgomestre estavam vivos, ha já bastantes annos, estava lá a servir, é verdade. De então para cá teem comido muito sal, ahí está porque é que bebem tanto.

E Martha ria e chanceava.

— O burgomestre dá um grande jantar hoje; não se lhe daria de mandar dizer aos convidados que não viesssem, mas já era tarde; e depois já estava tudo preparado. Os criados contaram-me tudo. Acaba de chegar uma carta, anunciando

a morte do irmão mais novo, que estava em Copenhague...

— Morreu! exclamou a outra, empallidecendo.

— Intão o que tem isso? replicou Martha, importa-lhe? Ah, é verdade! esquecia-me que o conhecia; antigas lembranças do tempo em que servia na casa...

— Morreu!... como era bom! que coração d'oir! O Senhor não recebe muitos que se pareçam com elle!... e as lagrimas corriam-lhe pela cara abaixo. Ó meu Deus!... parece que tudo me anda á roda. É porque bebi a garrafa toda, e estava fraca... estou muito mal! E encostou-se ás travessas da ponte.

— Jesus! Senhor! isso passa-lhe, disse a outra mulher; o que vejo é que estás deveras mal, e que não passa! O melhor é irmos para casa.

— E a roupa!?

— Encarrego-me eu d'ella. Vamos, dé-me o braço. O pequeno fica aqui a tomar conta; d'aqui a bocado, volto e acabo o que falta, não me custa nada!

A doente apenas se podia suster nas pernas.

— Fiquei muito tempo demais na agua fria; desde pela manhã que não como nem bebo; estou com febre. Jesus! ampara-me, para que eu possa chegar a casa!... Meu pobre filho!...

E chorava. A criança também chorava. Depois sentou-se á borda do rio, ao pé da roupa que estava de molho.

As duas mulheres affastaram-se vagarosamente; a lavadeira, cambaleando, passou a travessa, voltou á esquina da rua mal se podendo suster, chegou a muito custo á casa do burgomestre, e ali caio, prostrada, sobre as pedras. Logo se juntou gente. A cõxa correu á casa gritando por socorro; o burgomestre e os convidados appreçaram á janella.

— É a lavadeira, disse o amphitryão; bebeu uma gotinha de mais; é uma rematada vadia. Tenho pena por causa da linda criança que tem. Do pequeno gosto... Mas, repito, a mãe é uma vadia!

A pobre mulher voltou a si e levantou-se; levaram-na para casa e meteram-a na cama. A boa da Martha aqueceu-lhe uma tigella de cerveja com manteiga e assucar; era um remedio dizia ella, que nunca faltava. Depois voltou ao rio, e pôz-se a ensaboar conforme poude o que faltava lavar; agarrou na roupa molhada e metteu-a n'um cesto. À noite, sentou-se ao pé da lavadeira, n'aquelle pobre quarto. A cosinheira do burgomestre tinha-lhe dado para a doente umas poucas de batatas assadas e um bom pedaço de presunto. Martha e o pequeno regalaram-se. A doente contentava-se com aspirar o perfume, o qual, segundo a sua opinião, bastava para alimentar uma pessoa.

Deitaram o pequeno na mesma cama da mãe; tinha o seu lugar atravessado, aos pés. Uma velha colcha riscada de azul e encarnado servia-lhe de cobertor.

A lavadeira sentia-se um pouco melhor; a cerveja quente tinha-a fortificado, e o cheiro do jantar tinha-lhe feito bem.

— Quanto te sou obrigada! disse ella a Martha. Quero contar-te tudo, logo que o pequeno adormeça. Julgo que já está a dormir... tem os olhos felhados. Que cara d'anginho que elle tem! Não sabe quanto a sua mãe sofre; Deus queira que nunca o venha a saber!

Eu era criada em casa do conselheiro, pae-

do burgomestre. O filho mais novo, que era estudante, veio passar uns poucos de mezes a casa dos paes. Eu era então muito nova, arisca e orgulhosa, — fiel á honra, — lá isso, posso dizê-lo diante de Deus! O estudante era muito vivo, animado, amavel, honesto e leal! Era um rapaz de muito boas qualidades e dotado d'um espirito recto. Melhores do que elle são muito raros n'este mundo. Elle era filho de familia, eu não era senão uma pobre rapariga, todavia amámos — com toda a pureza dos nossos corações. Dar ou receber um beijo não é peccar quando a gente se ama. Um dia confiou tudo á mãe. Ella era para elle como um Deus n'este mundo. Tinha tanto cuidado d'elle, era tão prudente, amava-o tanto! Nesse mesmo dia, partiu, depois de me enfiar no dedo um annel de oiro que trazia. Ainda bem não tinha transposto a soleira da porta, quando me vieram chamar para ir á senhora. Approximou-se de mim, com seriedade e docura, e fallou comigo, como o faria o proprio Deus; definio claramente a posição, e mostrou-me francamente a distancia que havia entre elle e mim, sem attenuar a verdade.

— Agora, só pensa na tua belleza; mas o exterior muda, a belleza desapparece. Tu não foste educada como elle; não teem ambos a mesma cultura intellectual, abhi está a desgraça. Respeito os pobres, — disse ella; — aos olhos de Deus, ocupam muitas vezes um lugar mais elevado do que os ricos; mas n'este mundo tal como elle é, é preciso tomar cuidado com os mãos caminhos, o carro pôde tombar, e podeis cair ambos. Sei que um bom homem, um bello operario pensa em ti e que te pedio em casamento; — fallo de Eric o lufeiro; — é viuvo, sem filhos, goza d'uma posição honesta e boa.... considera isto tudo!...

Cada uma d'aquellas palavras atravessava-me o coração, mas a senhora tinha razão!

Oh quanto me custou a sofrer aquella dor! Foi desfazendo-me em lagrimas que eu beijei a mão que me estendeu a minha ama; mas ainda mais chorei quando, só, no meu quarto, me atrei para cima da cama. Que horrorosa noite a que se seguiu a este dia angustioso! Só Deus sabe quanto soffri e quantos combates se deram no meu coração despedaçado!

No domingo seguinte, fui á igreja pedir a Deus que me esclarecesse; pareceu-me que a Providencia me indicava o caminho do dever... á saída, Eric veio ter comigo. Então dissiparam-se todas as duvidas e irresoluções; nós convinhamos um ao outro, as nossas posições eram as mesmas; elle tinha alguma coisa de seu, — fui ao seu encontro, e, pegando-lhe na mão:

— Pensas sempre em mim? lhe disse eu.

— Sim, sempre e para sempre! respondeu elle.

— Queres para mulher uma rapariga que te honrará e te respeitará, mas que não te ama?... O amor virá depois...

— O amor virá, disse elle, e apertámo-nos as mãos.

Fui para casa dos meus amos. Eu trazia sobre o coração o annel de oiro que me tinha dado o filho da casa. De dia não o podia meter no dedo: só de noite quando me deitava. Beijava-o tanto e com tanta força, que fazia sangue nos beiços; por fim dei-o á senhora, dando lhe parte ao mesmo tempo que na semana seguinte se fariam os pregões do meu casamento com o

luveiro. A excellente senhora apertou-me nos braços e beijou-me; — aquella não me chamava vadia... talvez que eu fosse então melhor do que sou hoje; ainda não tinha passado pelas dôres, pelos tormentos desta vida de decepções.

O casamento fez-se pelo S. João. Ia tudo muito bem durante os primeiros annos; tínhamos um oficial e um aprendiz, e tu, Martha, eras nossa criada.

— Como era boa para nós todos! disse Martha; nunca esquecerei nem a sua bondade nem a de seu marido!

— Eram bem bons esses tempos! Ainda não tínhamos filhos. Não tornei mais a ver o estudante. Só o avistei um dia, mas elle não me viu. Veio cá por occasião da morte da mãe. No dia do enterro, estava á beira da cova, immovel e mudo com uma pallidez horrorosa; aquellas nobres feições pareciam marcadas por um tristeza mortal... Sem duvida, lembrava-se da mãe...

Depois d'isto, quando o conselheiro morreu, o filho mais novo andava viajando nos paizes estrangeiros, e não voltou. Sei que não casou... julgo que se fez advogado. Esqueceu-me; ainda que me visse, com certeza não me conhecia: estou tão seia. Tambem, melhor é que assim seja!

Fallou por muito tempo dos dias trabalhosos e amargurados e contou como a desgraça tinha desabado de subito em cima d'elles. Possuia cincoenta escudos; como na rua em que moravam se vendesse por duzentos, uma casa, compraram-a para a deitar a baixo e construir outra no seu lugar. O mestre pedreiro e o mestre carpinteiro fizeram os seus orçamentos; a nova casa devia custar mil e vinte escudos. Eric tinha credito. Pediu dinheiro emprestado a um capitalista da cidade... O navio que o trazia naufragou.

Foi n'essa occasião que eu dei á luz essa querida e meiga criança que está ahí a dormir aos meus pés. O meu marido teve uma doença grave que lhe durou muito tempo; durante nove mezes, despi-o e vesti-o, sósinha. Tudo nos corria mal, a roda começou a desandar, encheram-nos de dívidas. Perdemos tudo o que tínhamos, e a final morreu. Trabalhei, lutei, combati... tudo por amor do meu filho. Mettendo a esfregar casas, a ensaboar roupa, servi os fidalgos, servi os lavradores... não pude vencer: parece que Deus quer que assim seja!... O meu Deus! Chama-me para ti, mas não abandones o orphão!

E adormeceu.

No dia seguinte sentio-se com forças, com bastantes forças, — ao que lhe parecia, — para continuar a trabalhar. Voltou como d'antes, como na vespera, para a agua gelada; ahí deu-lhe um tremor nervoso, depois um desmaio. Quiz agarrar-se a alguma coisa d'impalpável e invisível, ao vacuo, deu um passo, e caio redondamente. A cabeça jazia sobre a lage, as pernas fluctuavam vagamente na agua do rio, e os pesados tamancos de madeira, forrados de palha, acompanhavam os esforços da maré que corria. Foi n'este estado que Martha a veio encontrar quando lhe trazia o café.

O burgomestre tinha mandado n'aquelle mesmo instante um recado dizendo-lhe « que fosse a casa d'elle pois tinha a participar-lhe uma coisa. » Já era tarde! Tinham ido buscar a toda a pressa um barbeiro para a sangrar... a lavadeira já não existia.

« Tanto bebeu que se matou, » disse o burgomestre.

Na carta que trouxe a noticia da morte do irmão vinha uma copia do testamento do defunto; deixava seis ceis centos escudos á viúva do lufeiro, que n'outro tempo fôra criada em casa de seus paes. Conforme o que se julgassem mais conveniente esse dinheiro seria entregue ou em porções maiores, ou em quantias mais pequenas, a ella ou ao seu filho.

— « Não sei que embrulhada houve entre o meu irmão e esta mulher, » disse o burgomestre. — « Estou bem contente que d'esta vez se tenha ido para não mais voltar; o filho ficará com o mealheiro e eu cá o metterei em casa de gente capaz. Pôde vir a ser um bom operario. »

Deus Poderoso deu a sua benção a estas ultimas palavras.

O burgomestre mandou chamar o pequeno, e disse-lhe que o tomava debaixo da sua protecção, — e ajuntou que, no fim de tudo, tinha sido bom para elle que a mãe lhe tivesse morrido: era uma vadia!

Levaram-na para o cemiterio dos pobres. Martha deitou uma pouca de areia na cova e plantou n'ella uma roseira; a criança estava ao seu lado.

— « Minha querida, minha querida mamã!... » dizia elle em soluções, — é verdade o que dizem, — que era uma preguiçosa, uma vadia?... »

— « Uma vadia!! Ella!! Era um anjo! » respondeu a velha criada olhando para o céu. — « Ha já muito tempo que o sabia; sei-o melhor desde ante-hontem á noite. Posso com toda a verdade dizer-t'o: era uma santa mulher n'este mundo, e Deus, tambem o sabe lá em cima, no céu. Deixa o mundo dizer: « Era uma vadia!... »

ANDERSEN.

A GUERRA DO ORIENTE

DO LADO DOS TURCOS: UM ESPIÃO PERANTE UM CONSELHO DE GUERRA TURCO.

Especialmente perto do Danubio abundam os espiões. Os turcos tem muita dificuldade em os prender, porque os camponezes Bulgaros sympathisam de coração com o exercito inimigo, e muitas vezes é difícil discriminá-los para prestar serviços ou para ver o que se passa. Seja como for, dos que são trazidos á presença do conselho, raros escapam, e este é provável que não tarde em ser passado pelas armas. Os Conselhos de guerra dos Pachás, para não ficarem com escrupulos, em geral, condenam; assim ficam descansados, e tiram-se de dudas. É a melhor maneira de não sentir remorsos depois.

DO LADO DOS RUSOS: ARMENIOS FUGINDO DAS ALDEIAS DO CAUCASO PARA PEDEM PROTEÇÃO AOS RUSOS.

Apezar dos esforços de Mukhtar Pachá, os saques e as delapidações das tropas irregulares Circassianas tem sido tantas, apezar dos muitos castigos aos que transgridem as ordens, tem sido tantas as crueldades, que os pobres Armenios e outros christãos que habitam as aldeias do Caucaso tem fugido para as linhas russas, onde esperam encontrar protecção. A nossa gravura representa um desses exodos, em que os desgraçados levam consigo apenas o que puderam encontrar á mão. São montanhezes pacíficos, que o que mais desejam é viver em paz.

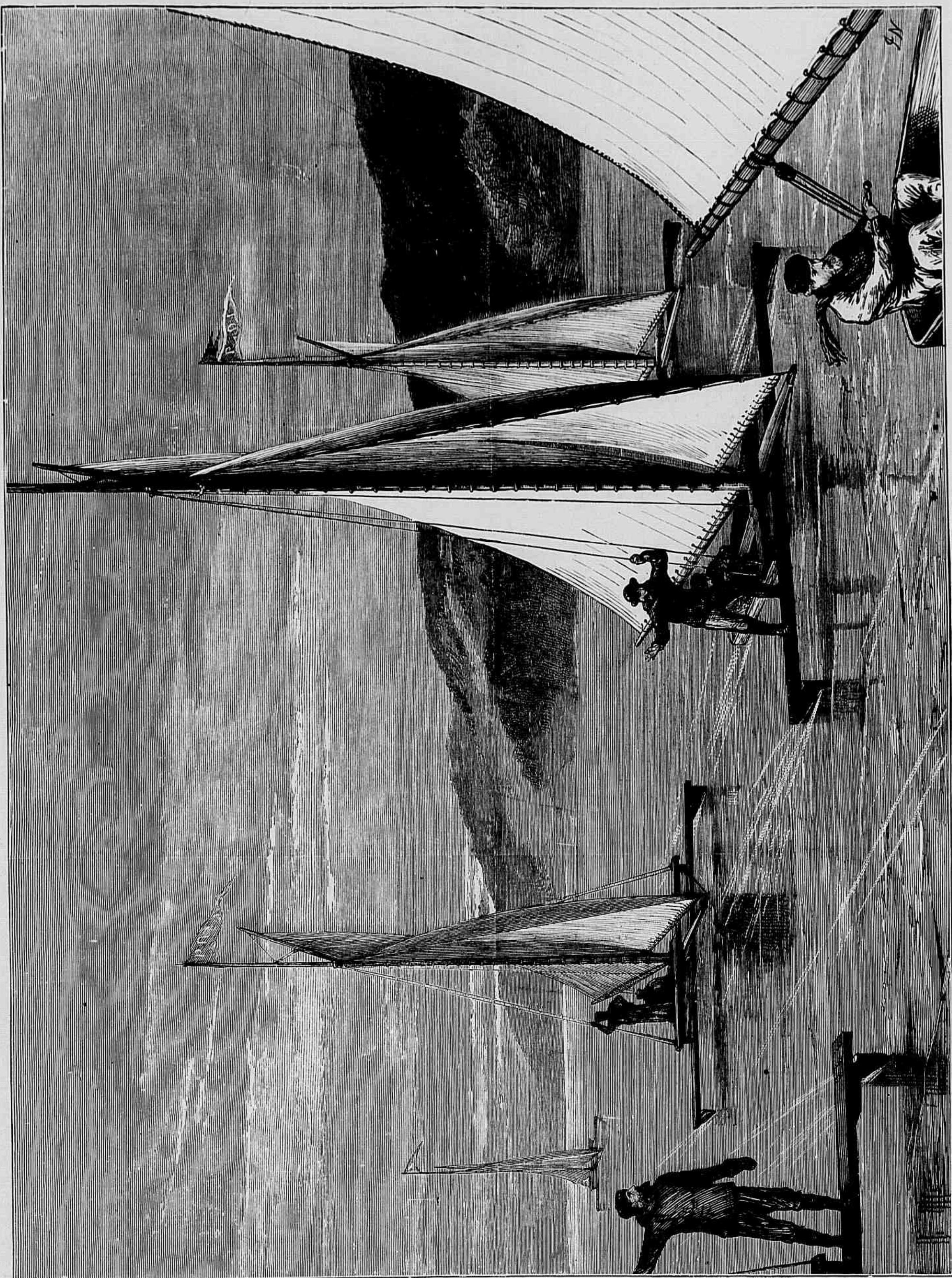


DO LADO DOS TURCOS : UM ESPIÃO PERANTE UM CONSELHO DE GUERRA TURCO



DO LADO DOS RUSSOS : ARMENIOS FUGINDO DAS ALDEIAS DO CAUCASO PARA PEDIREM PROTECÇÃO AOS RUSSOS

GUERRA DO ORIENTE



BARCOS SOBRE O GÉLO NO RIO HUDSON (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

BARCOS SOBRE O GÉLO NO RIO
HUDSON.

Historica e topographicamente o Hudson é um dos rios mais interessantes dos Estados Unidos. O scenario entre Nova York e Albany é excepcionalmente pittoresco. É este rio um dos mais navegados dos Estados Unidos. Durante os grandes calores do verão, enquanto o caminho de ferro de Nova York a Albany siga quasi sempre a margem do rio, muitas famílias preferem fazer a viagem nos vapores onde podem gozar melhor da brisa refrigerante.

Chegado, porém, o inverno, cessa a navegação. O rio corre mais caudaloso, mas sob uma camada de gelo. É então que se vêem aquelles barcos a que os americanos chamam « barcos do gelo » (ice boats), representados na nossa gravura. Em consequencia da sua construção especial, e da superficie polida do gelo, correm ás vezes com tal rapidez, que chegam a passar adiante do caminho de ferro que segue o litoral. Em Poughkeepsie, cidade que fica entre Nova York e Albany, os donos d'estes barcos costumam fazer regatas todos os invernos, e é então que se vê aquella phantastica perspectiva, formada por uma frota de barcos, movidos por aquellas azas brancas, a deslizarem com a rapidez do vento sobre o gelo escorregadio.

O ORANGOTANGO

Nos troncos colossais dos cedros d'outra idade pelos grandes cipós, pelos bambus gigantes foi onde marinhou o Pae da Humanidade.

Já tinha o mesmo gesto e as mãos erguidas, d'antes, já tinha o mesmo aspecto e o mesmo rir sardonico quando via passar os grossos elephantes.

Foi elle que ao surgir d'aquelle mundo harmonico, formoso, colossal, nas sonoras florestas, primeiro fez ouvir o grande riso ironico.

Elle assistia então da Natureza ás festas : trepava nos bambus, corria nas folhagens : e, ao meio dia, dormia as confortaveis sestas.

Já era então o rei d'essas virgens paragens ; tinha inventado a caça, e ia fazer a guerra levando em batalhões presbyters selvagens.

Tudo lhe obedecia : o estreito valle e a serra : rugiam os leões, e os tigres e os chacaes tremiam ao passar o Ancião da Terra.

Com seu nodoso pau corria os bambuaes : dava inicio á primeira e nova sociedade : e o seu jugo assentava aos outros animaes.

Taes estas reflexões, modernas, na verdade, eu commigo fazia, um dia, contemplando um filho dos sertões que expunham na cidade.

Elle era velho e ruivo : o olhar profundo e brando : o riso sensual, e desdenhoso e ufano, tinha as pernas em cruz como um fakir scismando.

Olhava com desdem o hostil vulgo profano : e a escoria, as multidões miravam com respeito comer uma banana o Pae do Genero Humano.

O burguez trivial, solemne, satisfeito, que a toda a parte vai, sorria-se contente dos gestos do macaco, e ria a cada geito.

Apupava-lhe a cauda, a mimica coerente, e arrojava-lhe a rir, com seu sorriso alvar, caroços e avelãs, puxava-lhe a corrente.

O filho dos sertões com seu tranquillo olhar, parecia-lhe dizer : O sordido vindouro dos que ergueram primeiro as suas mãos ao ar !

Tu és a nossa nodoa, e unico desdouro,
Porque crês valer mais, neto degenerado ?
talvez por tua pança e tua burra d'ouro !

Que tens feito de bom, de justo, de sagrado ?
que sabes tu de Deus, que sabes tu do mundo,
senão se as inscripções desceram no mercado ?..

Porque crês o macaco um ser abjecto e immundo ?..
talvez porque não tem teus candidos peitilhos,
e não conhece as quatro operações a fundo !

Porque dos teus botões não tem inveja aos brilhos,
porque não dá sarau, porque nos seus sertões
Não costuma ensinar o contrabando aos filhos !

Deixa pois, meu burguez, estultas presumpções :
Não te rias de nós, nem zombies de Littré,
nem Darwin, immortaes macacos-perfeições !

Não tenhas pejo em ser filho do chimpanzé.
Peior é, quanto a mim, crê isto piamente !
roubar cada vez mais no grão e no café.

Mas o burguez cruel, sem ver o olhar ardente
do venerando Ancião, como os seus semelhantes,
cada vez ria mais, interminavelmente.

Pungia-o d'irrisões, de ditos cruciantes :
e renegando a Historia, o Homem, todos nós,
atirava-lhe a rir caroços sibilantes,
apedrejando n'um todos os seus avós.

GOMES LEAL.

REVISTA BIBLIOGRAPHICA

Ha poucos mezes, começou a publicar-se em Lisboa uma interessante revista, sob o título « Museu Technologico, Revista das Industrias portuguesas e estrangeiras e dos principios scientificos, em que as mesmas se fundam. »

É director desta publicação o sr. Maia Alcosforado. Cada mez sae um fasciculo, e foram já distribuidos quatro fasciculos. Tem a forma de um jornal, mas de facto é um livro, redigido com esmero, e bastante valioso sob o aspecto scientifico.

É o primeiro fasciculo uma introdução, e dá as noções geraes sobre a industria. Na primeira parte considera e aprecia a industria em relação á historia, em relação á sciencia economica, e em relação á politica. Na segunda aprecia a industria nas suas relações com as sciencias physicas e naturaes.

Trata dos descobrimentos modernos, e da influencia que elles tiveram no desenvolvimento industrial; e explica como a sciencia operou a transformação da industria.

O segundo, terceiro e quarto fasciculos estudam a industria do sal. Em diferentes capítulos descrevem-se as varias origens e procedencias deste producto, e são minuciosamente expostos os processos da sua extracção. A exploração das salinas de Aveiro, e todos os factos que lhe são relativos formam o objecto das ultimas paginas já publicadas.

De quanto interesse é para o nosso mundo industrial o livro de que damos conta, pode avaliar-se por este sumario.

A Hegemonia de Portugal, na Peninsula Iberica, por Horacio Ferrari.

O folheto recentemente publicado com este titulo é uma these de politica abstracta, perfeitamente deduzida segundo os principios da philosophia naturalista, que servem de base á concepção do sr. Horacio Ferrari.

Uma vez admittidas as premissas, as conclusões seriam incontestavelmente verdadeiras. Da exactidão das premissas é que nós duvidámos porém. Sem as considerar absolutamente falsas, carecemos comodo de dados positivos que as comproveem : e esses parecem-nos deficientes e incompletos nas curtas paginas do novel publicista.

Para concluir pela hegemonia de Portugal na peninsula, parte o sr. Ferrari de dois factos que elle tem para si como provados : a desorganização politico-social da

Hespanha, e a reorganização parallela politica e scientifica de Portugal.

Ninguem pode contestar a desorganização da Hespanha : é um facto por assim dizer palpável e tangivel : mas não é impossivel que uma organisação antithetica esteja incluida nas forças sociaes da nação, e que dentro da propria sociedade hespanhola haja os germens e os elementos organicos da futura reconstrução.

Em quanto a Portugal os factos são pouco claros, e nada concludentes. Portugal atravessa um momento obscuro e indefinido em que não se destacam os elementos da sua vitalidade, nem é facil avaliar as forças moraes. Tanto se pôde suppôr uma tendencia reorganizadora, como uma tendencia dissolvente. Os caracteres mais vivos da energia nacional estão por assim dizer apagados. Não se pode vêr longe no meio desta nebrina de indifferença. A situação sem duvida ir-se-ha aclarando com o tempo.

Mas se a politica hoje deve ser essencialmente practica, nos estados pequenos deve ser nada ambiciosa. Favorecer sobretudo os progressos moraes é o melhor meio de desenvolver a prosperidade futura.

Sob o ponto de vista da especulação philosophica, o escripto que acabamos de ler tem certamente valor, e se nos parece uma generosa illusão, honra a elevação de espirito de quem o assigna.

Os Talhos Municipaes, por Luciano Cordeiro.

E a ultima publicação do author dos *Livros de critica e da Memoria sobre Christovam Colombo*. Como o titulo indica, trata de uma questão de interesse local, que tem sido debatida na imprensa e no município de Lisboa, examinando-a sob as suas diferentes faces.

Traços geraes de philosophia positiva, por Theophilo Braga.

Conclui-se a publicação desta obra que saiu em fasciculos, e que forma um volume compacto, que se vende por 700 rs.

O eruditio professor do curso superior de letras, tendo regido provisoriamente a cadeira de philosophia, colligio neste volume as suas lições.

Historia de Portugal Illustrada.

Está publicado o fasciculo 17 do segundo volume desta obra. É acompanhado por uma bella gravura, representando o assassinato do bispo de Evora. O desenho é devido ao lapis distincto e correcto de Manuel de Macedo.

JOÃO TEDESCHI.

VARIEDADES

AS PONTES DE FRANÇA. — Ha em França 1,982 pontes importantes. 861 foram construidas antes do séc. 19; 74 durante o primeiro Imperio; 180 durante a Restauração; 580 durante o reinado de Luiz-Philippe e 297 desde 1848. D'estas construções, 9 são de ferro, 14 de madeira, 20 de ferro, madeira e alvenaria, 6 de alvenaria, e madeira, 854 de pedra.

As principaes pontes de França são 11; custaram perto de 8 mil e quinhentos contos. Eis os nomes e comprimentos :

| | | |
|---|-------|---------------|
| A ponte de Bordéos, 581m. | | 1.233 contos. |
| A ponte sobre o Dordogne, em Cubzac, | 545m. | 396 " |
| A ponte de Saint-Esprit, sobre o Rhône, | 738m. | 810 " |
| A ponte de Tolosa, sobre o Garonne . | 486 | " |
| A ponte de Libourne, sobre o Dordogne. | 763 | " |
| A ponte de Tours, sobre o Loire, 125m. | 125m. | 760 " |
| A ponte de Guillotière, em Lyon, 263m. | 263m. | 450 " |
| A ponte de Brest. | | 500 " |
| A Ponte-Nova, sobre o Sena, em Paris, | 231m. | 720 " |
| A ponte d'Iena, sobre o Sena, em Paris. | 1.100 | " |
| A ponte de Roanne, 112m. | | 1.200 " |

A COMPANHIA DOS COSINHEIROS INGLEZES. — Fundou-se em Londres, ha quatro annos, uma instituição bastante útil, é a *National training school for cookery*, ou Escola nacional de cosinha. D'acordo, a origem é nacional, mas por Deus! escusam de ensinar alli a cosinha nacional ingleza!

Em 1876, 1503 discípulos tinham frequentado a escola; 12 haviam obtido diplomas de mestre ou de mestras e 19 estavam a caminho de os obter. Este anno foi sensivel o progresso: 1734 discípulos frequentaram a escola durante dez meses; destes 54 saíram com diploma.

O numero das escolas locaes aumentou consideravelmente; passou de 8 a 29.

Os alunos seguem trez classes: curso de limpeza, curso de cosinha practica, curso d'ensino para os que se destinam ao professorado.

A comissão do conselho d'instrucção publica protege

esta instituição e espera-se que faça com que o governo conceda um subsídio com o fim de formar professores capazes de espalhar as sãas tradições da cosinha na Grâ-Bretanha, que a este respeito, está, como é sabido, ainda muito atrasada.

* *

Segundo a estatística oficial, Londres cobre actualmente uma superficie de 122 milhas quadradas. As ruas tem o comprimento de 1500 milhas. O numero das casas é de 417,767. A população de Londres e arrabaldes é de 4 milhões 286,607 habitantes.

* *

Uma mulher do campo vai a botica com uma receita na mão. O medicamento constava entre outras coisas de trez centigrammas de um veneno muito forte. O boti-

cario péz com extrema attenção a droga perigosa, quando no melhor da operação, grita d'alli a mulher: — Veja lá, quer-se bom pezo, olhe que é para uma orphã.

* *

Uma criança fez uma maldade.

A mãe zanga-se com ella.

A criança desespera-se, chora, e por entre os soluços, exclama:

Ó meu Deus, meu Deus, para que me nascêram?!

Proprietário-Gerant: SALOMON SARAGGA.

Paris. — Trop. Tolmer et Isidor Joseph, r. du Poule-Saint-Germain, 43.

Encres de la maison Pradon et C^o, à Ivry-Paris.

PUBLICAÇÕES RECENTES

O LYRISMO BRAZILEIRO

Por JOSÉ ANTONIO DE FREITAS

I Volume 500 réis fortes

A FOME NO GEARÁ

Poesia de GUERRA JUNQUEIRO

Preço 100 réis fortes.

À MORTE DE ALEXANDRE HERCULANO

Poesia de GOMES LEAL

Preço 100 réis fortes.

Á venda na empreza HORAS ROMANTICAS, rua da Atalaya, 42, Lisboa.

DICCIONARIO DE GEOGRAPHIA UNIVERSAL POR

Uma Sociedade de Homens de Sciencia

Composto segundo os trabalhos geographicos dos melhores autores portuguezes, brasileiros, franceses, ingleses e alemaes, e de acordo com as ultimas publicações geographicas e estatísticas dos diferentes paizes;

COMPREHENDENDO TODOS OS ESCLARECIMENTOS E INFORMAÇÕES INDISPENSAVEIS COM RELAÇÃO AO COMMERCIO, ÁS ARTES E INDUSTRIAS FABRIS

Desenvolvido consideravelmente na parte que diz respeito a PORTUGAL, PROVINCIAS ULTRAMARINAS E BRAZIL

Acham-se publicados 38 fasciculos d'este diccionario **único da especialidade em Portugal** e que tão lisongeiramente tem sido recebido por toda a imprensa e por todas as pessoas que prezam o bon nome e gloria do nosso paiz. Pela i porancia que esta obra já hoje tem, apenas no seu começo, pôde-se dizer, sem reio de exagero, que virá a ser considerada pelos competentes como

O primeiro diccionario geographico universal do nosso seculo.

PORTUGAL. — Cada fasciculo de 16 paginas com a competente capa, 100 réis fortes (franco de porte).

Para o estrangeiro, e ultramar acresce o porte do correio.

Continuam a receber-se assignaturas na Empreza Horas Romanticas. — Rua da Atalaya 42. — Lisboa.

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO E RECREIO PREMIOS PARA AS CREANÇAS

Contos infantis

Cada conto forma um folheto com 6 excelentes gravuras coloridas. Estão publicados e vendem-se em todas as livrarias, os seguintes:

Nº 1. *Chá de D. Bichana*, (ed. esgotada) Preço 120 réis.

Nº 2. *Jantar dos Tótós*, (ed. esgotada) Preço 120 réis.

Nº 3. *Pintarroxo*, (ed. esgotada) Preço 120 réis.

Nº 4. *Os tres Ursos*, folheto em 4º grande, Preço 400 réis.

Nº 5. *O cão Palhaço*, Preço 200 réis.

Nº 6. *Historia de João de Gatinhas*, Preço 200 réis.

Nº 7. *Anselmo, o Ruim*, Preço 200 réis.

Nº 8. *Historia do Barba Azul*, Preço 200 réis.

Nº 9. *O Menino e os Gigantes*, Preço 120 réis.

Nº 10. *Aladdim ou a Lampada maravilhosa*, Preço 120 réis.

Nº 11. *Aventuras de um Anão*, Preço 120 réis.

Nº 12. *Alli-Baba*, Preço 120 réis.

EDITOR J. H. VERDE
6, Rua do Duque de Bragança, 8
LISBOA

ALMANACH

PORTUGAL E BRAZIL

PARA

1878

Illustrado com as seguintes gravuras devidas ao buril do distinto gravador o Sr. João Pedroso.

A Circassiana, Os Fadistas, Varino, Arredores do Porto, Lapa dos Esteios, Costumes do Porto, De Vigia, Ovarinas e rio Mondego.

Preço 200 réis fortes. Á venda na empreza HORAS ROMANTICAS, Rua da Atalaya, 42, Lisboa.

GUERLAIN DE PARIS

15, Rue de la Paix, 15

Perfumeria de Luxo.—Artigos Recommendedos.

AGUA DE COLOGNE IMPERIALE.—SAPOCETI, Sabonete de toucador.—Creme Saponina (AMBROSIAL-CREAM) para a barba.—CRÈME de FRAISES para amaciatar a pele.—Pós de CYPRIS para branquear a cutis.—STILBOIDE Cristallizado para o cabello e barba.—AGUA ATHÉNIENNE e Agua LUSTRALE para perfumar e limpar a cabeça.—SHORE'S CAPRICE, PERFUME DE FRANÇA.—FLORES NOVAS para o lenço.—Agua de CÉDRAT e Agua de CHYPRE para o toucador.

PAPEL RIGOLLOT
OU
MOSTARDA EM FOLHAS PARA
SINAPISMO.

Medatha de Prata

Havre, 1868

MEDALHA DE OURO

Lyon, 1872

MEDALHA DE PRATA

Paris, 1872

Diploma Honorifico

EXPOSIÇÃO MARITIMA, PARIS, 1875

Adoptado pelos hospitais de Paris, pelas ambulancias e hospitais militares, pela marinha nacional francesa e pela marinha real ingleza, etc., etc.

Consevar à mostarda todas as suas propriedades, obter em poucos instantes com a menor quantidade de medicamento possível um efeito decisivo, eis os problemas resolvidos pelo sr. RIGOLLOT, com o mais feliz resultado.» (A). *Boucharat, Annuario de Therapeutica, 1868.*

AVISO IMPORTANTE

Devemos aconselhar aos nossos fregueses que se acantelem contra o papel que se lhes apresentar como podendo substituir o papel Rigollet para sinapismos. O nosso papel é o único adoptado pelos hospitais civis, militares e a bordo dos navios do Estado. É além disto o único premiado nas exposições universaes, tendo obtido varias medalhas de prata e uma de ouro e recentemente um diploma honorifico.

Por conseguinte, todo o papel que não tiver a firma de Rigollet deve ser rejeitado como falsificado.

N. B. — As nossas caixas são envolvidas por uma tira de papel amarelo, que traz a firma do inventor.

Exija-se esta firma — F. Rigollet.

Ha falsificadores.

Paris. 24, Avenue Victoria, 24. Paris.

Depósitos : No Rio de Janeiro, Du-pontelle, em Pernambuco, Maurese e Cia

FERRO BRAVAIS

(FERRO DIALYSADO BRAVAIS)
Ferro líquido em gótas concentradas

UNICO

ISENTO DE ACIDO

Sem cheiro nem sabor
« Com este ferro dizem todas as sumidades medicas da França e da Europa, nem diarréias, nem cansaco de estomago ; além destas vantagens, tem a de não enegrecer os dentes. »

UNICO ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAIS

3 medalhas nas Exposições, cura radicalmente ANEMIA, CHLOROSE, DEBILIDADE, ESFALFAMENTO, NEVRALGIAS, FRAQUEZA DA CRIANÇAS, ETC.

É o mais economico dos ferruginosos, pois um frasco dura mais d'um mês.

R. BRAVAIS et C[°] 13, rue Lafayette, Paris

EM QUASI TODAS AS PHARMACIAS

MANUFACTURA

PRODUCTOS CHIMICOS

PRUDON & C[°]

Fornecedores da Imprensa Nacional, do Banco de França e dos principais jornais de Paris.

IVRY-PARIS

(gare prolongée)

TINTA PRETA E DE OUTRAS CORES

Para impressões typographicas e lythographicas ordinarias e de luxo.

MEDALHAS NAS EXPOSIÇÕES

Lyon 1872. — Paris 1872. — Viena 1873.

Paris 1875.

Dôr de Dentes

As Gotas Japonezas de Mathay Caylus calmam instantaneamente a Dôr de Dentes a mais violenta e impedem a volta de novos accessos pela destruição da Caria.

O uso das Gotas Japonezas deve continuar-se até o dente doente ficar totalmente insensível para obter uma cura completa.

As Gotas Japonezas são d'um emprego facil e d'um uso muito agradável por causa do seu cheiro suave e aromático.

Venda por atacado em casa de CLIN e Cia, 14, rua Racine, PARIS.

Venda por miúdo em casa dos principaes Pharmaceuticos e Drogistas.

PHOTOGRAPHIE ÉTIENNE CARJAT ET C[°]

10, RUE NOTRE-DAME-DE-LORETTE, 10

AU REZ-DE-CHAUSSEÉ AVEC JARDIN

Portraits, portraits-cartes, albums, peintures, dessins, émaux, reproductions artistiques et industrielles.

MÉDAILLES :

LONDRES, 1861. — PARIS, 1863, 1864. — BERLIN, 1865.

EXPOSITION UNIVERSELLE, 1867.

Tous les portraits sont exécutés personnellement par M. ÉTIENNE CARJAT.

CONFEITOS FERRUGINOSOS E ELIXIR

Do Doutor RABUTEAU, premiado pelo Instituto de França.

Estes Remedios sao receitados e recommendedos pelos Professores da Faculdade de Medicina e os medicos dos Hospitales de Paris que certificaram a sua superioridade sobre todos os outros ferruginosos para o tratamento da Chlorosis, Anemia, Fluxo branco, Convalescência e Empobrecimento do sangue.

O confeitos e o Elixir do Doutor Rabuteau fortificam as pessoas enfraquecidas ou convalescentes, facilitam a menstruação das jovens e oferecem a immensa vantagem de serem tomados sem inconveniencia pelos estomagos os mais debilis sem nunca produzir Prisão de ventre.

Venda por atacado em casa de CLIN e Cia, 14, rua Racine, PARIS.

Venda por miúdo em casa dos principaes Pharmaceuticos e Drogistas.

VELOUTINE Pó de Toucador

IMPALPABLE, ADHERENTE E INVISIVEL

Substituindo com vantagem o pó d'arroz e outras preparações.

Basta uma leve applicação para dar á pele a frescura e o avelludado da mocidade.

5 francos caixa completa com borla.
4 — — — — sem borla.

A venda nas principaes lojas de perfumarias.

CAPSULAS E CONFEITOS

Com bromureto de camphora

DO DOUTOR CLIN

premiado pela Faculdade de Medicina de Paris.

As Capsulas e confeitos do Dr. Clin empregam-se com o maior exito nas affecções nervosas em geral e sobretudo nas seguintes molestias : Histeria, Asma, Doenças do coração e das vias respiratórias, Tosse nervosa, Espasmos, Coqueluxo (tosse convulsa), Insomnia, Epilepsia, Palpitações nervosas, Dança de S. Guy, Paralysia agitante, Contracções nervosas, Nevroses em geral, Perturbações nervosas causadas por Estudos excessivos, Doenças cerebraes ou mentaes, Delirium tremens, Convulsões, Vertigens, Atordoados, Hallucinações e excitacões de qualquer natureza que sejam.

Cautela contra as falsificações e exigir sobre cada lettreiro o nome e a firma do Dr. Clin.

Venda por atacado em casa de CLIN e Cia, 14, rua Racine, 14, PARIS.

Venda por miúdo em casa dos principaes Pharmaceuticos e Drogistas.

AGUA do Doutor A. HOLTZ

PARA

TINGIR o CABELLO

Composta exclusivamente de principios vegetais, a Agua do Doutor Holtz não apresenta nenhum dos inconvenientes que se encontram em quasi todas as tinturas d'este genero. Da ao cabello uma cor natural, destroea a caspa e conserva o caso no um estado de limpeza constante.

A Agua do Doutor Holtz é não só um excellente artigo de toucador, mas também um tonico perfecto.

Cada frasco é acompanhado d'um prospecto revestido, bem como os rotulos, da assinatura do Doutor A. Holtz.

Depósito geral en Paris : V. HOLTZ, 12, rua Papillon, 12.

Les abonnements et les annonces sont reçus

AUX BUREAUX DE LA

CORRESPONDANCE PARISIENNE

14, Rue de la Grange-Batelière, 14